



VENEZUELA

O desafio da reconstrução

Reerguer parte do país devastada pelo duplo terremoto de 24 de junho exigirá esforços que vão além do dinheiro. Especialistas apontam governança, fortalecimento das instituições e recuperação dos serviços essenciais como os pontos mais críticos

» RODRIGO CRAVEIRO

O pior terremoto em 100 anos a atingir a Venezuela transformou o estado litorâneo de La Guaira em zona de guerra. Pelo menos 189 edifícios ruíram por completo, 774 imóveis foram afetados e ao menos 4,5 mil pessoas morreram. Uma estimativa preliminar das Nações Unidas sugere prejuízos de US\$ 6,7 bilhões — 6% do Produto Interno Bruto (PIB). Reconstruir uma nação que antes mesmo da tragédia enfrentava grave crise econômica e humanitária, onde 8 milhões de pessoas necessitavam de assistência, será tarefa complexa, segundo especialistas consultados pelo **Correio**.

A ONU pediu à comunidade internacional US\$ 296 milhões para as necessidades socioeconômicas de 1,3 milhão de cidadãos. A situação se complica devido à falta de legitimidade da presidente Delcy Rodríguez, que assumiu o cargo depois que o ditador Nicolás Maduro foi capturado por forças especiais americanas, em 3 de janeiro.

De acordo com a socióloga venezuelana Ana Carrasquero, professora da Universidad Católica Andrés Bello (UCAB), o primeiro desafio é compreender que a reconstrução vai além de erguer moradias, pontes e rodovias. “O duplo terremoto golpeou um país que acumulava uma profunda crise de infraestrutura, de serviços, de institucionalidade e de confiança”, diz.

“Vejo cinco grandes desafios. O primeiro é saber o que foi destruído e quais as reais prioridades. Se não tivermos dados, a reconstrução pode se converter em improviso, clientelismo e atribuição discricionária de recursos. O segundo envolve a proteção do direito de propriedade, que dá segurança à família, permite acesso ao crédito, facilita investimentos privados e protege os cidadãos de abusos”, explicou. O terceiro desafio, segundo Carrasquero, é reconstruir o abastecimento de água, a eletricidade e a internet. “Se as paredes das escolas são reconstruídas e os serviços deixam de ser retomados, as comunidades não podem voltar a funcionar”, observou. O quarto desafio, avalia, é recuperar a confiança dos venezuelanos. “O país precisa de recursos enormes, mas nenhum ator sério, nacional ou internacional, apostará na reconstrução se

Miguel Medina/AFP



Vista aérea de prédios destruídos na cidade de Caraballeda, no estado litorâneo de La Guaira

de milhões de trabalhadores e profissionais, ao longo da última década. “Engenheiros, arquitetos, técnicos, pessoal de saúde e gerentes serão indispensáveis. Recuperar esse talento ou atrair parte da diáspora será determinante. Considero importante coordenar o setor privado, a sociedade civil, os organismos multilaterais e, eventualmente, governos estrangeiros. Nenhum ator poderá enfrentar sozinho uma tarefa dessa dimensão.”

Tensão social

Porta-Voz do Observatório da Venezuela da Universidade de Rosário, em Bogotá, Ronal Rodríguez demonstra ceticismo. Na opinião dele, enquanto a dinâmica ditatorial persiste, com apoio e tutela dos EUA, os terremotos mostraram que a capacidade da presidente Delcy Rodríguez de administrar o país é muito limitada. Ronal avaliou a urgência de revestir as autoridades com legitimidade. “Durante as próximas semanas ou meses, os detentores do poder terão de tomar decisões, como a distribuição territorial para a reconstrução de moradias, a escolha dos edifícios que deverão ser demolidos e, principalmente, abrigo para as pessoas sem teto”, declarou.

O estudioso citou que, em 2007, quando o viaduto entre Caracas e La Guaira sofreu avarias, o PIB venezuelano caiu 3%. No caso atual, o Aeroporto Internacional Simón Bolívar apresenta problemas estruturais importantes, o que demanda uma política coordenada. Segundo Ronal, à medida que os dias passam, os venezuelanos começam a experimentar tensão.

Ele classifica o apoio dos EUA como “latente”, e aponta moradia e serviços como os principais desafios. “Nas próximas semanas, a Venezuela poderá experimentar situações muito complexas, sobretudo na saúde. O surgimento de epidemias, produto do manejo de cadáveres, em um país que tem dificuldades no acesso à água potável e à energia elétrica, tornarão a crise extremamente complexa. Sem um governo legítimo, a tensão social, o mal-estar e a ira da população podem complicar ainda mais o cenário”, disse Ronal.

Eu acho...

Arquivo pessoal



“A reconstrução não pode ser feita com os mesmos métodos que levaram à deterioração do país. A meta não deve ser apenas reconstruir a infraestrutura física, mas as capacidades institucionais mínimas. Precisamos agir em vários níveis, como criar um registro público e verificável de danos, além de segurança jurídica para os indivíduos, que precisam ter a garantia de seus direitos. O fundo de reconstrução exige governança independente e auditoria externa. O Estado deverá abrir as portas. O sucesso dependerá menos da retórica política e mais de medidas concretas: regras, dados, direitos de propriedade, transparência e coordenação.”

ANA CARRASQUERO, socióloga da Universidad Católica Andrés Bello (UCAB), em Caracas

Arquivo pessoal



“A reconstrução deve converter-se em oportunidade para reconstruir instituições e alcançar acordos políticos que permitam formar um governo com legitimidade democrática e capacidade de impulsar reformas econômicas e institucionais. Sem estabilidade política e segurança jurídica, será muito difícil atrair financiamento, investimento privado e cooperação internacional. A resposta inicial ao terremoto ensinou uma lição importante: diante das limitações do Estado, o setor privado, a sociedade civil e as comunidades demonstraram capacidade de organização e resposta muito maior que a esperada.”

ASDRÚBAL OLIVEROS, economista venezuelano, morador de Caracas

Arquivo pessoal



“A recuperação segue como um ponto complexo, com a dinâmica imposta pelos terremotos e sem uma legitimidade que permita garantir que as decisões das autoridades tenham apoio da população. As formas utilizadas pela Revolução Bolivariana ao longo de 27 anos, em vez de facilitar a tomada de decisões, afetarão a reconstrução. Tomam-se decisões que não atendem dinâmicas econômicas, mas questões político-ideológicas. Parte da ira e do mal-estar do povo se deve ao fato de o chavismo ter priorizado decisões ideológicas sobre a vida e a necessidade dos venezuelanos.”

RONAL RODRÍGUEZ, porta-voz do Observatório da Venezuela da Universidade de Rosário, em Bogotá

não houver regras claras e auditoria.”

A socióloga acrescentou o desafio de evitar que o processo seja monopolizado pelo Estado. “É preciso incorporar os municípios e as comunidades. O Estado, sob condições normais, e não de uma ditadura, deve ser o coordenador e garantidor de regras, mas não

pode fazer tudo como se fosse uma lista de desejos. Trata-se de algo bastante complicado, pois as pessoas que detêm o poder são as mesmas que nos levaram a essa situação”, concluiu Carrasquero.

O economista Asdrúbal Oliveros, morador de Caracas, alertou que a principal dificuldade será

institucional. Ele lembrou que um processo dessa magnitude requer um Estado com capacidade de coordenação, transparência e execução — áreas nas quais a Venezuela apresenta enormes debilidades. “Somase a isso o desafio financeiro. Falamos de necessidades que poderiam oscilar entre US\$ 12 bilhões e US\$ 15

bilhões, em uma economia com PIB da ordem de US\$ 110 bilhões. O Estado não dispõe de espaço fiscal para assumir tal esforço”, disse ao **Correio**.

Êxodo

Oliveros também vê o desafio do capital humano, ante o êxodo

ORIENTE MÉDIO

EUA e Irã trocam ataques no Golfo

Estados Unidos e Irã voltaram ontem a trocar bombardeios relacionados ao controle da navegação pelo estratégico Estreito de Ormuz. Depois de escaramuças no sábado, o governo de Teerã voltou a declarar “fechada” a via marítima, embora Washington garanta que Teerã “não controla” a passagem de navios na entrada ou saída do Golfo Pérsico. A questão, com incidência direta nos mercados de petróleo e na economia global, ocupa o centro do impasse em torno de um acordo definitivo para encerrar a guerra iniciada em 28 de fevereiro, com ataque coordenados dos EUA e Israel contra a República Islâmica.

O Comando Central (Centcom) norte-americano anunciou ter feito

140 ataques, e o presidente Donald Trump declarou à CNN que atingiu o Irã “muito duramente”. Em resposta, a Guarda Revolucionária, força militar de elite iraniana, voltou a anunciar o fechamento de Ormuz, associado a uma série de ataques contra países do Golfo aliados de Washington. “O estreito permanecerá fechado até novo aviso e até o fim das intervenções americanas na região”, diz um comunicado.

Veículos de comunicação iranianos relataram explosões em Bandar Abbas, Sirik e na ilha de Qeshm, no litoral sul iraniano, e na província do Khuzistão, fronteira com o Iraque. Mais tarde, uma nova salva de projéteis americanos atingiu a ilha de Qeshm. Kuwait, Bahrein e Emirados

AFP



Navios mercantes no litoral dos Emirados Árabes: navegação sob ameaça

Árabes Unidos, monarquias da região que abrigam instalações militares dos EUA, informaram ataques contra seus territórios. A Jordânia informou ter sido alvo de três mísseis iranianos, sem registro de danos. No Kuwait, autoridades relataram ataques contra três postos fronteiriços e uma plataforma petrolífera.

No Paquistão, que tem encabeçado as mediações para um acordo

de paz definitivo entre Washington e Teerã, o chanceler Ishaq Dar pediu a ambos os lados “moderação” e uma “desescalada”. O secretário-geral da ONU, António Guterres, defendeu a retomada urgente das negociações. O secretário de Defesa dos Estados Unidos, Pete Hegseth, afirmou, porém, que “o Irã tomou uma decisão errada” e que “pagará o preço”.

OBITUÁRIO

Morre senador pró-Trump

O senador republicano Lindsey Graham, grande apoiador do presidente Donald Trump, morreu aos 71 anos, em decorrência de uma “doença breve e repentina”, segundo informado pelo seu gabinete. Graham, conhecido pela atuação em política externa, foi um defensor da guerra do Iraque e, nos últimos anos, fez com que Trump apoiasse a luta da Ucrânia, de onde havia acabado de retornar.

Um laudo médico preliminar apontou que o congressista sofre rompimento da aorta, decorrência de um mal cardiovascular. A artéria é a principal via de circulação do sangue a partir do coração.

Donald Trump, prestou homenagem ao senador em publicação em sua plataforma, a Truth Social. “O senador Lindsey Graham, uma das melhores pessoas e um dos melhores senadores que eu já conheci, morreu! Ele estava sempre trabalhando e era um verdadeiro patriota americano. Lindsey fez muita falta!!!”, escreveu.

Trump disse que conversou com Graham no sábado de noite, quando o aliado voltou de uma viagem à Ucrânia, e notou que ele parecia cansado. Segundo o presidente, os dois fizeram planos para uma possível reunião ontem. “Pode ter sido a última ligação dele”, disse Trump.

“Lindsey entendeu que a segurança de Israel e dos EUA é inseparável. Perdemos um dos maiores amigos”, declarou o premiê israelense, Benjamin Netanyahu. O presidente Isaac Herzog afirmou: “Nunca esqueceremos como ele esteve ao lado de Israel nos momentos mais difíceis”.